

Mulheres menos entrevistadas que homens

SANDRA NODARI

Núcleo de Estudos de Gênero - NEG
Grupo de Pesquisa em Comunicação Política e Opinião
Pública - CPOP
Universidade Federal do Paraná
Brasil
srandranodari@gmail.com



Inicialmente é preciso marcar a decisão desta pesquisadora de seguir a epistemologia feminista (hooks, 2020; Hartsock, 2019; Harding, 1993; Alcoff, 1991) como construção de conhecimento. Tal decisão se apoia nas considerações de autoras que desafiaram as autoridades e as relações de poder das epistemologias tradicionais (que se apresentavam como neutras), para dar lugar central à metáfora da perspectiva (ou do “ponto de vista”). O *Feminist Stand Point* tem sido explorado em uma variedade de movimentos sociais modernos: o movimento gay e lésbico, o movimento trabalhista, o movimento das mulheres, o das lutas anticoloniais e o das antirracistas.

Os desafios das mulheres, em busca de espaço nas sociedades, têm repercussão no jornalismo desde as sufragistas na Grã-Bretanha, que desafiaram o poder masculino em casa, na Igreja, nos tribunais, nas prisões e nas ruas. Enfrentaram diversas formas de violências e abusos por desafiar crenças patriarcais sobre a natureza das mulheres e o lugar indicado como apropriado a elas na sociedade. Tanto as sufragistas quanto as mulheres da segunda onda feminista (que focavam em reduzir desigualdades), combateram a perseguição da própria ciência porque a medicina científica usou de pesquisas para diagnosticá-las como doentes: as sufragistas eram diagnosticadas de Tarantismo ou de epilepsia quando protestavam (Bento & Craib, 2001, p. 143).

Pour citer cet article, to quote this article,
para citar este artigo :

Sandra Nodari « Mulheres ainda são menos entrevistadas que homens nos telejornais de 8 de Março », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne, online], Vol 11, n°2 - 2022, 15 décembre - december 15 - 15 de dezembro.
URL : <https://doi.org/10.25200/SLJ.v11.n2.2022.490>



O determinismo biológico era aceito a partir de pesquisas médicas que alertavam não ser adequado permitir às mulheres cursarem o ensino superior. Ted Benton e Ian Craib (2001) citam o caso de Lynda Birke, que falava de um Dr. E. H. Clarke, professor de Harvard “(...) cuja visão era que a menstruação cobrava um grande tributo da fisiologia da mulher e que o esforço extra ao estudar seria prejudicial à saúde” (p. 146, tradução livre)¹. Combater o ponto de vista que dava como verdadeiras as informações como esta, foi o propósito das pesquisadoras que iniciaram a militância na academia a partir de pesquisas feitas por mulheres, na então chamada terceira onda feminista.

Este artigo compreende que a epistemologia feminista é complexa e fundamentada desde o final da década de 1960, a partir especialmente de três epistemólogas: Sandra Harding, Nancy Hartsock e Hilary Rose. Segundo Benton e Craib, o poder transformador da pesquisa feminista no campo das ciências sociais, sobretudo na sociologia, uniu gênero, classe e raça nos estudos. Tal união propôs uma reestruturação da agenda da pesquisa sociológica que colocou feministas e gays explorando a produção e reprodução das identidades de gênero nas representações culturais e midiáticas.

Para praticar a epistemologia feminista, hoje, é necessário enxergar a desigualdade entre homens e mulheres, desenvolvendo o que Márcia Veiga (2012) chama de “olhar de gênero”. Ao voltar este olhar para as fontes noticiosas dos telejornais, objetos deste estudo, é possível perguntar: de quem são as vozes mais visibilizadas pelo telejornalismo? Ao assistir às emissoras de televisão generalistas fica fácil responder: são homens e brancos. Embora esta possa parecer uma resposta baseada no senso comum, tal fato foi observado em pesquisa que constatou que mulheres falam 8% do tempo do telejornal, enquanto homens falam 14%. Além disso, 74,5% das vozes das fontes femininas no Jornal Nacional são de mulheres brancas (Nodari, 2021a)

Apesar de, no jornalismo, cada indivíduo poder ser considerado como uma fonte, os meios de informação tendem a ser mais acessíveis a alguns movimentos sociais, grupos de interesse e atores políticos que a outros. Para Gaye Tuchman (1983), pessoas com o poder legitimado pela sociedade têm maior acesso aos meios de comunicação que aquelas pertencentes a classes mais baixas, subalternizadas e vulneráveis. A autora chama a atenção para a divisão sexista da sociedade:

Por acaso o sexismo começou quando Betty Friedan (1963) chamou a atenção para tal considerando-o como “o problema que não tem nome?” Ou o sexismo é um fenômeno em curso, presente em toda a história humana, e por isso se trata de um fenômeno a ser desqualificado como não noticiável? (Tuchman, 1983, p. 149).

Schmitz (2011) faz uma afirmação em que confirma esta teoria quando diz que, sob o aspecto dos relacionamentos, algumas fontes têm influência sobre as notícias, sobretudo quando se tratam de fontes que detêm algum tipo de poder “(...) devido aos custos para obter a informação, ao enxugamento das redações, à proliferação de assessorias e agências de comunicação e à capacitação das fontes para o relacionamento com a mídia” (p. 12).

Por outro lado, o autor trata também do poder que o jornalista exerce sobre as fontes, para além do processo de *gatekeeper*, discutindo as atitudes que são movidas por arrogância ou por outros motivos, como a chantagem. Ele lembra que a pluralidade da maioria das informações jornalísticas é decorrente do acesso a diversos tipos de fontes utilizadas por jornalistas com a intenção de reforçar ou confirmar a verdade relatada nos fatos (Schmitz, 2011).

Se a escolha das fontes é intrínseca à decisão sobre quais assuntos terão visibilidade nos telejornais, tal escolha perpassa os chamados valores-notícia como os únicos “(...) critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia”, segundo Nelson Traquina (2008, p. 63). De forma parecida, para Mauro Wolf (2003, p. 195) “esses valores constituem a resposta à pergunta seguinte: quais os acontecimentos que são considerados suficientemente interessantes, significativos e relevantes para serem transformados em notícias?”. Ao lembrar de Tuchman, é preciso pensar em quanto de sexismo há na escolha que perpassa as decisões. E, ainda, podemos concordar com Sousa (2010) quando salienta que os “(...) critérios de noticiabilidade não são rígidos nem universais” (p. 31), do contrário, podem ser contraditórios e mudar ao longo do tempo.

A pesquisadora Carla Cerqueira (2008) percebeu certa masculinização das fontes quando investigou de que forma as mulheres eram retratadas nos diários portugueses impressos. Ela descobriu que o discurso jornalístico “(...) reproduz atitudes e ideologias que legitimam a dominação, bem patente nos actores sociais que são ouvidos e naqueles que ficam na penumbra” (p. 142). O problema vai além da ausência das mulheres como fontes, porque mesmo quando estão presentes, nem todas são nominadas ou citadas nos textos jornalísticos. Segundo Cerqueira, algumas são apenas mencionadas e outras ficam invisíveis porque “(...) a distribuição das vozes no discurso jornalístico é desigual e, neste domínio, as mulheres parecem estar no lado dos ‘invisíveis’ ou ‘visíveis’ com pouco destaque” (2008, p. 142).

A partir desta constatação, surge a pergunta que problematiza este artigo: se em dias comuns as emissões

ras de televisão priorizam as falas de homens (Nodari, 2021a), em datas especialmente voltadas a discussões de assuntos ligados a mulheres (como é o Dia 8 de Março) quais são as fontes mais ouvidas por jornalistas? No início dos anos 2000, Carla Cerqueira investigou esta questão e descobriu que eram eminentemente masculinas as fontes nos jornais impressos portugueses, mesmo no dia 8 de Março. Ela entendeu que:

O sexo feminino continua a ter pouca visibilidade (falta de diversidade de papéis e posições). No Dia Internacional da Mulher, as “actoras” femininas surgem maioritariamente em notícias de informação geral ou estatística, trabalho e vida profissional e questões sociais ligadas à violência de género (Cerqueira, 2008, p. 160).

Estudando fontes femininas na cobertura dos jogos olímpicos de Londres (2012), Valquíria John (2014, pp. 507-508) verificou se havia mulheres apresentadas como protagonistas nas reportagens de dois veículos brasileiros: *Folha de S. Paulo* e *Lance!*. Em sua pesquisa, concluiu que as fontes femininas foram invisibilizadas do ponto de vista do protagonismo do discurso, porque mais de 70% das fontes eram masculinas. Isso evidencia que mesmo sendo um evento esportivo em que a presença das mulheres está consolidada, a predominância é de homens falando. Ao analisar as fontes femininas nas Olimpíadas Rio-2016 ouvidas pelo *Lance!* e pelo *ESPNW!*, a autora percebeu a ausência de mulheres como fontes especialistas, apesar de ter sido a Olimpíada com maior participação de atletas mulheres (John, 2016).

Ao acompanhar o trabalho do *Global Media Monitoring Project*, um centro de investigação em mídia e jornalismo que monitora um dia de notícias em todo o mundo, Maria João Silveirinha percebeu que a representação das mulheres nas notícias apresentou uma ligeira melhora ao comparar os anos de 1995 a 2015. Houve um aumento de 7%, “mas esta ‘melhoria’ na visibilidade das mulheres nas notícias constitui apenas meio ponto percentual por ano, desde 2000, o que significa que serão necessários pelo menos mais de 40 anos para alcançar a paridade de género nas notícias” (Silveirinha, 2017, n.p.). Ainda assim, apenas 24% das fontes das notícias eram do sexo feminino.

Ao entendermos que homens historicamente têm maior espaço de relevância na sociedade, é possível perceber porque ocupam maior lugar nas agendas dos contatos de jornalistas. No Brasil, com relação à flexão de género da Língua Portuguesa, o masculino é usado por quem trabalha pautando as notícias. É comum ouvir nas redações as seguintes frases: precisamos de um engenheiro para dar entrevista; temos de achar um especialista para o estúdio; queremos um ambientalista para a reportagem (Nodari, 2021a). A flexão de género

no masculino não se dá por acaso, mas reflete a heteronormatividade (Hollanda, 2020).

O método de trabalho jornalístico busca a objetividade tanto do processo de apuração quanto do texto da notícia, a partir do carácter informativo, da presença de *lead*, do uso de aspas e da polarização de opiniões das fontes (Tuchman, 1978). Porém, o mito da objetividade como representação da realidade é rebatido com a certeza de que “os jornalistas devem ser rigorosos e honestos, e não objetivos” (Sousa, 2010, p. 37). Apesar de refutada, vale aqui explicitar que a Teoria do Espelho é uma das mais antigas metodologias que tentam explicar o resultado do trabalho jornalístico e sua relação com a verdade.

Nelson Traquina (2005), quando tratava da verdade jornalística, propunha a busca pela verdade dos fatos, pelo relato isento de interesses pessoais ou de grupos, resultando em um texto com honestidade e equilíbrio. Isso porque o jornalismo atua na construção social da realidade, sendo o jornalista um mediador que recorta, retrata e/ou reproduz a verdade dos fatos. É necessário aceitar que este sujeito-jornalista é cheio de subjetividades.

Para dar conta de responder à pergunta deste artigo buscamos analisar qual a frequência e o conteúdo das vozes das fontes femininas exibidas nos telejornais do Brasil e de Portugal nas edições de 8 de Março. Ao serem levantadas as frequências, estas servem para comparação entre variáveis que permitem perceber temas com maior ou menor interesse jornalístico a partir dos valores-notícia, ou seja, daqueles acontecimentos considerados suficientemente interessantes, significativos e relevantes para serem transformados em notícias. Além da presença e da ausência de fontes femininas em comparação às masculinas.

A justificativa para este estudo está no fato de que no jornalismo há um amplo campo para pesquisas de género a ser explorado a partir da interdisciplinaridade de áreas. O telejornalismo merece ser estudado porque, segundo observaram Michele Goulart Mas-suchin, Camilla Quesada Tavares e Gabriela Almeida Silva (2020) apenas 5% dos trabalhos apresentados em revistas brasileiras qualificadas estudam jornalismo televisivo. As autoras afirmam que a partir de 2009 há certo crescimento no número de publicações brasileiras enfocando os estudos em telejornalismo e género. Este crescimento justifica a relevância do uso da epistemologia feminista, e o enfoque nas teorias de género, em trabalhos que estudam o jornalismo ou a comunicação.

É preciso explicar, também, que em busca de visibilizar as mulheres, inclusive na produção acadêmica, neste artigo as referências a autoras trazem sempre a informação

de seu nome, no texto corrido, além de seu sobrenome, para tentar marcar a presença de pesquisadoras entre as fontes bibliográficas. A defesa é de que “Cabe a nós, pesquisadoras, decidirmos por combater a invisibilidade, aproveitando os exemplos de colegas pesquisadoras que questionam, criticam e justificam o uso de nossos nomes completos, dos pronomes adequados, para dar crédito às produções femininas” (Nodari, 2021b, p. 12). Esta medida é necessária enquanto a maioria das normas de publicação acadêmica não permitem que os nomes completos de pesquisadora(e)s sejam incluídos nas referências bibliográficas, as quais primam por sobrenomes seguidos apenas das iniciais dos nomes.

METODOLOGIA DE ANÁLISE

O objeto de pesquisa deste trabalho são as vozes das fontes femininas nas reportagens do *Jornal Nacional* (JN/Brasil) e *Jornal das Oito* (J8/Portugal), nas edições de 8 de Março de 2017, 2018 e 2019. A escolha dos dois programas se justifica a partir das pesquisas de audiência, que os classifica em primeiro lugar de audiência nos dois países, segundo dados dos indicadores Kantar Ibope Media (2018) para JN e Zapping TV (2019) para J8. Além disso, são exibidos no horário nobre da televisão, a partir das 20h, diariamente. O JN pertence à rede Globo do Brasil e o *Jornal das Oito* à portuguesa TVI, e ambos têm características comuns.

O *Jornal das Oito* foi criado em 2011 pela TVI (Televisão Independente) para ser exibido diariamente (de domingo a domingo), a partir das 20h. A estação privada portuguesa foi inaugurada em 1993 e a partir de 2005 configurou-se como a emissora com maior audiência em Portugal. Já o JN, inaugurado em 1969 pela emissora privada TV Globo, tornou-se o primeiro programa brasileiro a ser exibido em rede nacional ao vivo, a partir das 20h, de segunda a sábado. Criada em 1965, a TV Globo é líder de audiência desde a década de 1970.

A justificativa para uma pesquisa comparativa entre os dois países se dá, também, pelo consumo de notícias no Brasil e em Portugal que têm a televisão como preferência de público, considerando o levantamento realizado nos dois países e no qual o telejornalismo se destaca. Deste modo, as notícias televisivas, entre os diversos meios nestes países, têm a televisão como preferência, sendo 83% entre portugueses e 89% entre brasileiros (Reuters Institute for the Study of Journalism & University of Oxford, 2018; 2019).

Esta análise de conteúdo se apoia em Sousa (2006, p. 662), ao entender que: “permite destacar questões associadas às relações de gênero, às representações da violência, às representações de minorias”; seguida da abordagem quantitativa de dados (Cervi, 2017), que ser-

ve para contabilizar o número de entrevistadas mulheres, quais os assuntos tratados por elas, quantas são fontes de representatividade e, ainda, qual é o tempo destinado a vozes femininas das fontes. É importante destacar, como afirmam Martin Bauer e George Gaskell (2002), que não há análise estatística sem interpretação.

Pensamos que é incorreto assumir que a pesquisa qualitativa possui o monopólio da interpretação, com o pressuposto paralelo de que a pesquisa quantitativa chega a suas conclusões quase que automaticamente. (...) Os dados não falam por si mesmos, mesmo que sejam processados cuidadosamente, com modelos estatísticos sofisticados. (Bauer & Gaskell, 2002, p. 23)

Trata-se, portanto, de uma análise comparativa (Wirth & Kolb, 2009) dos dois telejornais, sobre a visibilização das vozes das fontes femininas, visando analisar de que forma as mulheres, quando fontes, são tratadas no jornalismo. Este trabalho está situado na interface entre jornalismo e gênero buscando responder de quais lugares sociais falam as fontes femininas visibilizadas pelas reportagens. A coleta de dados quantitativos se deu a partir das teorias de gênero e da epistemologia feminista. A visibilização das vozes, também chamada de lugar de fala (Collins, 2000; Ribeiro, 2017), é uma dimensão de comparação relevante porque é preciso ter dimensão de quanto se dá a invisibilização para compreender o problema do calamento das mulheres nas publicações (Nodari, 2021b).

As seis edições dos dois telejornais analisados formam uma amostra construída (Kayser, 1974), que pode servir para representar o todo em pesquisas que analisam veículos jornalísticos diários, sendo as porcentagens possíveis de serem utilizadas para a compreensão do objeto a ser estudado. O banco de dados desta análise é então formado por aproximadamente seis horas de telejornais, tendo como foco as 29 mulheres ouvidas no JN e as 83 do J8, conforme a tabela a seguir.

A diferença de duração dos dois telejornais, já que o J8 tem o dobro do tempo do brasileiro, foi levada em conta na computação dos dados. Os resultados foram padronizados a partir de percentuais (Wirth & Kolb, 2009) que contabilizaram os tempos de fala das fontes, por isso, nos resultados os dados demonstram a porcentagem de tempo. Somente os tempos das falas das mulheres são base da análise comparativa, o total de fala delas passa a ser considerado como tempo válido (de zero a 100%), e tratado como tempo total.

As categorias de análise foram inspiradas no Livro de Códigos do CPOP, Grupo de Pesquisa em Comunicação Política e Opinião Pública da Universidade Federal do Paraná (Cervi, 2017) e definidas em um livro de códigos próprio. A fonte feminina nas repor-

Tabela 1: Mostra 8 de Março

Edição		Duração Telejornal	Total Fala Jornalistas	Total Fala Fontes	Fontes Mascullinas	n°	Fontes Femininas	n°
08/mar/17	J8	1:16:35	0:41:07	0:34:52	0:26:06	38	0:08:46	25
	JN	0:20:34	0:18:06	0:01:59	0:01:55	7	0:00:04	2
08/mar/18	J8	1:26:28	0:59:14	0:27:00	0:16:55	39	0:10:05	27
	JN	0:48:48	0:35:50	0:11:49	0:08:43	17	0:03:06	9
08/mar/19	J8	1:24:42	0:50:12	0:33:32	0:09:27	26	0:24:05	31
	JN	0:42:04	0:28:47	0:12:22	0:06:22	18	0:06:00	18
Totais	J8	4:07:45	2:30:33	1:35:24	0:52:28	103	0:42:56	83
	JN	1:51:26	1:22:43	0:26:10	0:17:00	42	0:09:10	29

Fonte: Elaboração própria, 2021.

tagens televisivas é a variável dependente da pesquisa. No gráfico 1, essa variável é nominada como Fala das Fontes. Já as variáveis independentes foram definidas como: Informações do Telejornal (categorias: nome do telejornal, data, duração em tempo), Assuntos da Notícia (28 categorias listadas de assuntos possíveis) e Características da Fonte Feminina (categorias: Gênero, Faixa Etária, Traços Fenotípicos de Origem, Lugar de Fala, Tipo de Fonte, Profissão, Tempo de Fala e Protagonismo).

A ORIGEM DAS MANIFESTAÇÕES DE 8 DE MARÇO ENQUANTO ESPAÇO DE FALA DE MULHERES

A escolha do dia 8 de Março como foco desta análise necessita de contextualização tanto com relação à origem, quanto à relevância da data como fato jornalístico. Há várias informações e mitos com relação à origem desta celebração. Em 1975, a Organização das Nações Unidas oficializou o dia 8 de Março como o Dia Internacional das Mulheres, mas é comum ler textos em jornais e revistas ou ouvir de emissoras de televisão e rádio que a data teria sido escolhida por conta de um incêndio em uma fábrica de tecidos em Nova Iorque. Tal incêndio teria sido causado pelo proprietário, diante da declaração de greve das operárias. Várias mulheres teriam morrido carbonizadas porque as portas de saída estariam trancadas.

Ana González (2010) explica que os dados apresentados para contar esta história eram contraditórios. Na Espanha, o incêndio teria ocorrido em 1908, em uma fábrica chamada Cotton: “Esta história era repetida ano após ano nos jornais espanhóis, tanto nos de circulação regional como nacional” (p.29).

A autora percebeu que dia 8 de março de 1908 era um domingo: “(...) um dia um tanto estranho para se declarar em greve e se trancar em uma fábrica ou para convocar uma manifestação, que não provocaria prejuízos ao empresário com a perda de um dia de trabalho” (p. 31).

Segundo Celuy Hundzinski (2003), o jornal francês *L’Humanité*, informava, em 1955, que o Dia Internacional das Mulheres era comemorado em 8 de março por causa de uma manifestação de operárias em Nova Iorque, ocorrida em 1857. A autora explica que a data pode ter sido criada na Rússia, proposta pela jornalista e política feminista alemã Clara Zetkin durante a Segunda Conferência Internacional de Mulheres Socialistas, em 1910. A data serviria para marcar a luta pelo direito ao voto e à igualdade. A informação histórica de que Zetkin teria proposto a data durante o evento é confirmada também por Eva Blay (2001), para quem a tradição de celebrar a data teria se iniciado naquele ano na Europa, mas somente a partir de 1945 teria se estendido pelo mundo.

Blay (2001) afirma que no Brasil a confusão histórica também foi e ainda é projetada erroneamente. Em Portugal, percebemos que a história ainda é corrente, já que, no J8 de 8 de Março de 2017, uma reportagem sobre a origem da data afirma ter raízes em uma manifestação de mulheres em Nova Iorque, em 1908, quando marcharam pedindo por menos horas de trabalho, melhores salários e direito de votar: “Foram reprimidas e mais de 150 acabaram queimadas” (J8, 8 março 2017). Ainda segundo a reportagem, um ano mais tarde, em 1909, o Partido Socialista da América instaurava o dia 8 de março como o Dia Internacional da Mulher. O JN não tratou da história da data nos três anos que fizeram parte da análise desta pesquisa.

Já a história da Marcha Mundial das Mulheres, que ocorre todo dia 8 de Março em diversas cidades do mundo, teria surgido a partir de uma manifestação realizada em Quebec, no Canadá, em julho de 1995. Cerca de 850 mulheres caminharam por 200 quilômetros reivindicando igualdade de direitos e salários. Pediam simbolicamente “Pão e Rosas”, manifestando-se contra a pobreza. “No final desta ação, diversas conquistas foram alcançadas, como o aumento do salário mínimo, mais direitos para as mulheres imigrantes e apoio à economia solidária” (Mulheres em Marcha, 2020). Ao final da longa caminhada, as mulheres do Quebec foram recebidas na cidade de Montreal por mais de 15 mil pessoas.

Após esta vitória, as canadenses buscaram contatos com organizações de outros países para propor a criação de uma campanha global que envolvesse mulheres de diversas partes do mundo. Em 1998, em Quebec, houve um encontro internacional com a participação de 145 mulheres de 65 países, e que contou com a presença de brasileiras ligadas à Central Única das Trabalhadoras e Trabalhadores (CUT). O evento resultou na programação da Primeira Marcha Mundial das Mulheres, que foi realizada no ano 2000. A partir da elaboração de uma plataforma com 17 reivindicações que focavam principalmente na eliminação da pobreza e da violência contra as mulheres, o movimento se fortaleceu pelo mundo. Raquel Paiva afirma que os anos 2000 marcam a retomada das manifestações feministas no Brasil. Além da Marcha das Mundial das Mulheres, a Marcha das Vadias e a Marcha das Margaridas passaram a acontecer. “Neste sentido, vale a pena ressaltar o papel social da ‘Marcha das Margaridas’ que é a maior mobilização de mulheres trabalhadoras rurais (no campo e na floresta) do Brasil” (Paiva, 2019, p. 53).

Na história de Portugal, a primeira Greve Feminista Internacional aconteceu somente em 2019. Os protestos pelo país foram organizados pela Rede Oito de Março e apesar de terem sido iniciados depois das primeiras Marchas na América do Sul e do Norte, e seguindo o exemplo da Espanha onde, em 2018, o protesto praticamente parou o país, milhares de mulheres portuguesas se envolveram, segundo a organização. O evento recebeu apoio de sindicatos e organizações sociais e políticas, como a Câmara Municipal de Lisboa e a Assembleia Municipal de Braga (Tomas, 2019).

Do ponto de vista de fato noticioso e de valores-notícia (Traquina, 2008; Wolf, 2003), as manifestações de 8 de Março servem à cobertura jornalística por vários motivos: primeiro porque alteram o funcionamento das cidades, parando o trânsito, por exemplo. Segundo porque as mulheres pedem dispensa no trabalho para participar da marcha, e em escolas e universidades há organização de grupos que estão nos protestos em horário letivo. Quarto, algumas atividades são pro-

movidas por empresas, e pelas próprias emissoras de TV, com a intenção de “homenagear” mulheres. O que torna os eventos de interesse público.

MULHERES FALAM MENOS QUE HOMENS EM 08 DE MARÇO, A EXCEÇÃO É O J8 DE 2019

Apesar de 8 de Março ser uma data que aborda assuntos ligados às mulheres, as edições do JN e do J8 não deram visibilidade às vozes femininas prioritariamente, uma vez que homens são mais ouvidos como fontes em praticamente todas as edições. Porém, percebemos um aumento no tempo dedicado à fala de fontes femininas no decorrer dos anos em ambos os telejornais.

No caso do JN, os 4 segundos de falas de fontes femininas, em 2017, são quase incontáveis, porque foram dois áudios de mulheres estrangeiras cujas falas foram traduzidas por repórteres, só as ouvimos começar a falar palavras em outro idioma. Já em 2018, foram 3’06”. Em 2019, foram 6 minutos, além de dobrar de um ano para o outro, é quase o mesmo tempo falado por fontes masculinas.

No J8 o crescimento das vozes femininas de fontes foi relevante: de 8’46” em 2017, para 10’05” em 2018 e finalmente 24’05” em 2019. Neste último, as mulheres falaram mais que o dobro dos homens, caso único entre as seis edições analisadas dos telejornais. O gráfico a seguir apresenta os dados do telejornal português e na sequência o brasileiro:

Gráfico 1: Fala das fontes - JN e J8 - 8 de Março



Fonte: Elaboração própria, 2021.

Com relação a traços fenotípicos, a maioria das fontes é formada por mulheres brancas (J8: 86,9% e JN: 73,1%), e apenas duas outras categorias foram encontradas na coleta de dados: negras e latinas. As negras

Tabela 2: *Traços fenotípicos - 8 de Março*

Traços Fenotípicos	J8			JN		
	% Fala	Tempo	Contagem	% Fala	Tempo	Contagem
Branca	86,9%	0:37:18	78	73,1%	0:06:42	21
Impossível definir	10,7%	0:04:36	2	0,0%		
Negra	1,6%	0:00:41	2	26,5%	0:02:26	7
Latina	0,8%	0:00:21	1	0,4%	0:00:02	1
Total Geral	100,0%	0:42:56	83	100,0%	0:09:10	29

Fonte: Elaboração própria, 2021.

estiveram mais presentes no JN, foram sete fontes entrevistadas (26,5%), enquanto o J8 visibilizou apenas duas (1,6%). Uma latina foi entrevistada em cada país. Duas mulheres não puderam ser classificadas porque apareceram na reportagem sem terem seus rostos e vozes identificados porque faziam denúncias, por isso tiveram suas imagens protegidas.

Nas duas tabelas da próxima página, os assuntos das notícias tratados pelas vozes das fontes femininas revelam quais foram os temas que tiveram maior visibilidade em ambos os telejornais. No J8, a maioria das fontes falou das manifestações de 8 de Março (51,2%) mais da metade do tempo das falas analisadas. O segundo maior tempo foi sobre violência contra as mulheres (11,1%), seguido de desigualdade de gênero (10,3%).

O tema violência contra as mulheres (27,6%), no caso do JN, foi o assunto cuja soma de tempo tomou maior parte das reportagens, seguido de política (23,6%), desigualdade de gênero (16,5%) e desigualdade social (13,3%). O dia 8 de Março foi pouco visibilizado, tratado por apenas 7 segundos (1,3%), conforme a tabela.

Durante os três anos analisados, o assunto 8 de Março ocupou 51,2% do jornal português e apenas 1,3% do tempo do brasileiro, o que demonstra que o JN não se interessa por noticiar a data. No JN, somente quatro militantes (duas brancas e duas negras) foram ouvidas na amostra de 8 de Março, mas não enquanto participavam da Marcha Feminista, nem sobre a manifestação. Três eram representantes de coletivos feministas que falaram em reportagens sobre denúncias de violência contra as mulheres; e a quarta foi a camaronesa Aliça Dumara, premiada pela ONU por proteger mulheres vítimas de estupros, mas sua voz durou apenas três segundos falando em francês.

Ao comparar as duas tabelas, verificamos que os três assuntos destacados no J8 foram: manifestações do 8 de Março, violência contra as mulheres e desi-

gualdade de gênero. Estes temas ocuparam 72,6% de todo o tempo da amostra construída e indicam que mais de dois terços das edições trataram de assuntos relacionados às mulheres por meio de suas próprias falas. Já no JN, menos da metade (45,5%) do tempo foi dedicado a assuntos relacionados às mulheres e por elas falados.

A MARCHA FEMINISTA FOI VALORIZADA NO J8 E ESTEVE QUASE INVISÍVEL NO JN

A redução do feminicídio, do abuso e do assédio sexual e as bandeiras de luta das militantes brasileiras nas Marchas Feministas não estiveram presentes na cobertura da Marcha feita pelo Jornal Nacional. No principal telejornal brasileiro, apenas uma nota coberta, em 2019, mostrava cenas do Rio de Janeiro, Madrid, Estados Unidos, Turquia, Rússia e Argentina. Em 2018, o evento sequer foi citado pelo JN. Em 2017, uma nota coberta mostrava apenas imagens da Turquia, Nova Iorque e Brasil. Nenhuma mulher brasileira militante da Marcha de 8 de Março foi ouvida para falar sobre o significado da data, nem sobre as reivindicações, tampouco sobre a Greve Internacional das Mulheres. Assuntos relacionados às pautas de luta foram temas de notícias, mas sem identificar que há mulheres que se organizam para lutar por isso.

Ao olhar para a cobertura da Marcha no JN é imediato perguntar se estes eventos não “são considerados suficientemente interessantes, significativos e relevantes para serem transformados em notícias?” (Wolf, 2003, p. 195). Em 2017, o editor-chefe e principal apresentador do telejornal, William Bonner parabenizou as apresentadoras que estavam a seu lado na bancada do estúdio pelo seu dia. A apresentadora do quadro Previsão do Tempo, Maria Júlia Coutinho, respondeu que ainda há muito a ser conquistado pelas mulheres. É possível entender que a fala da jornalista ocupou o lugar não dado às fontes militantes pelo telejornal.

Tabela 3: Assuntos das notícias - J8 - 8 de Março

J8			
Assuntos das Notícias	% Fala	Tempo	Contagem
8 de Março	51,2%	0:21:59	32
Violência contra mulheres	11,1%	0:04:46	3
Desigualdade de gênero	10,3%	0:04:26	9
Tragédia	4,9%	0:02:07	7
Meio ambiente	4,8%	0:02:03	2
Artes	3,6%	0:01:33	6
Política	3,3%	0:01:24	4
Segurança	3,3%	0:01:24	5
Clima	2,8%	0:01:13	8
Cultura	1,5%	0:00:39	3
Educação	1,4%	0:00:36	2
Tecnologia	1,2%	0:00:32	1
Economia	0,5%	0:00:14	1
Total Geral	100,0%	0:42:56	83

Fonte: Elaboração própria, 2021.

A Greve Internacional das Mulheres é muito mais presente em Portugal porque apresenta as manifestações e as reivindicações. Embora tenha ocorrido pela primeira vez em 2019, nos anos anteriores houve depoimentos e espaço para que mulheres pudessem falar sobre o que precisava ser melhorado na sociedade e sobre suas lutas naquela data.

O J8 de 2017 trouxe uma reportagem que contava a história do dia 8 de Março, dizendo que as origens seriam de uma manifestação em Nova Iorque, em 1908, quando mulheres morreram queimadas em uma fábrica. O fato de esta informação aparecer na reportagem reforça as críticas das pesquisadoras do tema que afirmam existir um mito que formou a história sobre a data e que é reproduzido pela imprensa. O dia 8 de Março foi lembrado, também, pela apresentadora no encerramento do telejornal ao chamar uma reportagem sobre a abertura da exposição Frida Miranda. A curadora diz que há pessoas que são maiores que a vida e é o caso das duas “musas inspiradoras” (se refere a Frida Kahlo e Carmen Miranda) e afirma pensar que: “No Brasil eu acho que não há grande músico que não tenha reinterpretado as canções de Carmen Miranda” (J8, 2017 março 8).

Tabela 4: Assuntos das notícias - JN - 8 de Março

JN			
Assuntos das Notícias	% Fala	Tempo	Contagem
Violência contra mulheres	27,6%	0:02:32	12
Política	23,6%	0:02:10	5
Desigualdade gênero	16,5%	0:01:31	3
Desigualdade social	13,3%	0:01:13	2
Segurança	10,7%	0:00:59	1
Saúde	4,7%	0:00:26	1
8 de Março	1,3%	0:00:07	3
Economia	1,1%	0:00:06	1
Tragédia	1,1%	0:00:06	1
Total Geral	100,0%	0:09:10	29

Fonte: Elaboração própria, 2021.

Uma matéria sobre desigualdade de gênero no poder político e uma proposta do governo de aumentar as quotas para mulheres de 33% para 40% abriu o telejornal de 8 de março de 2018. Em seguida, o presidente Marcelo Rabelo de Sousa, em visita a uma fábrica de costura, falou da necessidade de criar condições para igualdade entre homens e mulheres e que a transformação precisa ser cultural. Na sequência, uma nota coberta exibiu a fala de uma menina sobre a oportunidade de encontrar o casal real britânico, Príncipe Harry e Meghan Markle, que visitou alunas de Ciências, Tecnologia e Engenharia em comemoração ao Dia Internacional das Mulheres. Segundo a repórter, Meghan teria deixado a mensagem para que as meninas não desistissem de seus sonhos.

Em outra matéria que mostrou a Liga Portuguesa Contra o Cancro promovendo um curso de automaquiagem, uma paciente disse que os tratamentos de câncer são muito difíceis e trazem muitas consequências. “Com uma maquiagemzinha tornamo-nos muito mais bonitas, não quer dizer que não sejamos bonitas mesmo sem elas” (J8, 2018 março 8). A fala é relevante porque a maquiagem é um dos símbolos de feminilidade idealizada (hooks, 2020), no entanto, o fato de

a fonte falar que mesmo sem estar maquiadas elas já são belas, pode propor uma crítica ao comportamento padrão exigido das mulheres.

O encerramento do telejornal trouxe quatro depoimentos com mensagens feministas de mulheres que foram à TVI no Dia das Mulheres. Ouvimos as seguintes frases: “Reivindica-se justiça e discute-se a diferença entre gêneros”; “(...) desconstruir estereótipos”; “Em pouco tempo eu espero não precisar de um Dia da Mulher”; “Já muito se fez, mas muito há por fazer”. E a apresentadora fala que: “Neste Dia Internacional da Mulher fechamos o Jornal das 8 com um número musical”, entrevistando uma atriz de novela (se refere a Sofia Ribeiro) que diz: “Gostava que este Dia da Mulher, se calhar não existisse, porque seria, a meu ver, um sinal de que não precisávamos mais lutar por igualdade” (J8, 2018 março 8).

O J8 de 2019 se iniciou lembrando que é Dia da Mulher e trazendo imagens das manifestações em Portugal: mulheres segurando cartazes pelo fim dos assassinatos e sobre o medo que elas têm de denunciar agressões. As duas primeiras fontes são deputadas que relatam que de janeiro a 8 de março de 2019 doze mulheres foram mortas no país. A Primeira Greve Internacional das Mulheres de Portugal foi noticiada ao vivo de Lisboa, seguida de uma reportagem sobre a participação do primeiro-ministro António Costa no evento. Depois, em nota sobre medidas discutidas pelo Parlamento para diminuir a violência doméstica, a apresentadora lembrou que há mais de cem anos foi criado o Dia Internacional das Mulheres e ainda há profissões que são encaradas como tipicamente masculinas. A edição continuou mostrando o evento pela Europa com quatro mulheres falando sobre a não equidade de direitos: duas em Madri, uma em Paris e uma em Berlim. Cinco enfermeiras portuguesas que se juntaram ao protesto, também, foram entrevistadas.

O telejornal teve um quadro chamado “Deus e o Diabo”, que levou ao estúdio uma jovem representante da Rede 8 de Março. Na entrevista, ela explica quantas mulheres participaram e como foram as manifestações. O apresentador pergunta sobre cada uma das reivindicações e opina sobre algumas, dizendo acreditar que os salários entre homens e mulheres já são iguais em Portugal. Há duas participações de mulheres por videochamada, que falam de forma a contrapor, também, as lutas feministas. Uma convidada diz que discorda da divisão do trabalho doméstico, afirmando que se a mulher não trabalhar mais em casa, a sociedade sentirá as consequências disso, e também discorda sobre existir objetificação do corpo da mulher. Outra diz que: “No passado os homens entregavam-nos a educação futuro”, mas que hoje vivemos em lutas constantes e, por isso, “Perdemos a capacidade de ensinar os homens a ser amados” (J8, 2019 março 8).

A militante da Rede 8 de Março tem pouco espaço para contrapor as falas das convidadas, mas explica que o trabalho doméstico não pode ser mais obrigação das mulheres, deve haver remuneração para isso. O apresentador encerra a entrevista afirmando que a fala da militante é panfletária. Ela responde: “É uma linguagem de visibilizar. No feminismo o que nós chegamos é que é necessário visibilizar as mulheres que fazem com que a sociedade funcione” (J8, 2018 março 8). Apesar de visibilizar a voz da militante, o apresentador português assumiu a voz do saber naquele momento, parecendo subestimar que era dito por ela, chamando-a de panfletária.

Alcoff (1991) afirma que os sistemas representacionais do Ocidente admitem uma única visão, a visão do enunciador masculino constitutivo e ainda propõem que o sujeito da representação é absolutamente centrado, unitário e masculino. A necessidade de ampliar a discussão da aplicação da perspectiva feminista para a sociedade, defendidos por Hartsock, hooks e Harding se confirma neste exemplo.

É importante salientar aqui que mesmo ouvindo diversos grupos de mulheres, entre os quais políticas, empresárias, celebridades e também participantes das manifestações e trabalhadoras, o J8 visibilizou apenas mulheres brancas. Nas três edições do 8 de Março foram entrevistadas somente uma latina e duas mulheres negras (a ministra da Justiça e uma mulher em Benguela falando sobre a alegria de ver o presidente português em 2019). Este levantamento confirma a teoria de Kilomba da invisibilização da população preta portuguesa. “No racismo, a negação é usada para manter e legitimar estruturas violentas de exclusão racial” (Kilomba, 2019, p. 34).

NOTAS FINAIS

A igualdade entre homens e mulheres é um dos valores fundamentais da União Europeia em busca de tornar a Europa um dos lugares mais seguros e justos do mundo para mulheres. Entre os compromissos dos países membros estão: promover a independência econômica, eliminar as disparidades salariais, promover o equilíbrio na tomada de decisões, acabar com a violência baseada em gênero e promover a igualdade dos gêneros fora da União Europeia. A América Latina é uma das regiões tidas como foco deste último compromisso, e o Brasil é um dos países que precisam de ajuda por ser o terceiro pior país da América Latina em direitos políticos para as mulheres.

Segundo o Atenea, relatório elaborado pela ONU Mulheres e pelo PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) sobre direitos políticos das

mulheres, entre 11 países o Brasil ficou em nono lugar (ONU Mulheres Brasil, 2020).

Embora pertencentes a realidades distintas, o padrão de pouca presença de falas de mulheres fontes dos telejornais dos dois países, os aproxima do ponto de vista da necessidade de incluir mais vozes femininas na dinâmica da produção de notícias. É preciso salientar aqui que há diferença entre o programa de Portugal e o do Brasil, uma vez que o J8 dá mais espaço para fontes e a desproporção entre fontes femininas e masculinas é menor. Por outro lado, o JN dá menos espaço para fontes e a diferença de falas entre fontes masculinas e femininas é maior.

Em Portugal, a maioria das fontes femininas apresentadas é de mulheres brancas. No JN há maior diversidade fenotípica, mas há necessidade de avanços uma vez que a maioria da população brasileira, 54%, é formada por pessoas não-brancas (IBGE, 2019). Porém, nos telejornais a maioria das fontes ainda é branca, o que demonstra haver a necessidade de espaço para outros traços fenotípicos. Jornalistas precisam refletir sobre isso na hora de decidir por pautas e fontes.

Há a necessidade de permitir visibilizar sujeitas diversas dentro de um espaço de mundo, esta reflexão precisa ser levada para a prática jornalística, sobretudo porque o jornalismo é capaz de transformar as sociedades por meio da informação. Então, se a voz militante é a sujeita do feminismo que vai propor reflexões e transformações, sua voz precisa ser ouvida entre as tantas vozes publicadas pelos telejornais. Paiva (2019, p. 62) afirma que o jornalismo e as redes sociais têm papel fundamental em “(...) visibilizar a opressão feminina em países periféricos como o Brasil”. E esta opressão deve ser apresentada a partir das vozes de diversas mulheres, não só das brancas (Kilomba, 2019).

Jornalistas dão significado a fatos sociais a fim de gerar sentido pela forma como enxergam o mundo (Silva, 2014). Então, é preciso haver a reflexão sobre as diversidades, vulnerabilidades e minorias. Paiva (2019, p. 66) lembra que “não apenas militantes, mas até mesmo pensadores de inspiração liberal ou pragmática têm apostado na possibilidade de um sistema informativo capaz de ampliar racionalmente a transparência dos grandes problemas sociais”. Para além das mulheres militantes, as cientistas, as especialistas, as políticas, as pesquisadoras, as profissionais, entre outras, merecem constar nas agendas de jornalistas na mesma proporção que homens que desempenham estas posições sociais.

Nos três anos analisados, o JN não exibiu nenhuma reportagem sobre a Marcha 8 de Março brasileira, nem tampouco alguma entrevista com as organizadoras ou participantes do evento. Nenhuma mulher militan-

te ou especialista falou sobre o significado da data ou sobre as reivindicações. Quando o JN se nega a ouvir as participantes brasileiras das manifestações feministas do dia 8 de Março, percebemos que há muito a ser transformado ainda. Noticiar a Marcha Feminista em outros países e não realizar reportagens no Brasil é uma decisão editorial de invisibilizar os eventos e a existência de feministas no país.

Ao contrário, as três edições do J8 trouxeram reportagens que explicaram a origem da data (embora há controvérsias teóricas quanto aos dados apresentados), mas deram visibilidade a eventos políticos realizados para celebrar o dia, cobrando redução de desigualdades. Em 2019, diversas militantes falaram em boa parte do telejornal tratando da Greve Feminista em Portugal. Mulheres falaram sobre o que precisa mudar e melhorar. Isso denota a intenção do programa jornalístico de apresentar as discussões e bandeiras de luta feministas. Pelo menos no telejornal, jornalistas portugueses(a)es parecem querer visibilizar a Greve Feminista e querer tentar contribuir para a redução das desigualdades por meio de reflexão proposta pelas notícias.

A partir dos dados, se pensarmos que o *Jornal Nacional* é o principal veículo de jornalismo de televisão do Brasil, que inspira e serve de modelo para os concorrentes, entendemos que o país vai levar tempo para incluir feministas nas reportagens. Continuar levantando dados sobre as falas femininas nos telejornais pode ser uma pesquisa contínua para entender se há avanços. Por isso, esta pesquisa não se encerra aqui.

Quantificar o tempo de fala e apresentar a invisibilização das minorias serve para confirmar de quanto é a deficiência em ouvir as mulheres não-brancas. Ter ciência dos números, para jornalistas, pode ser relevante na hora de refletir sobre as práticas normatizadas na busca de personagens e fontes que não levam em conta a diversidade. Apresentar dados em números pode servir para questionar esta negação e para levar a perceber, a partir dos números, que a invisibilidade das vozes das mulheres é verdadeira e atual. É preciso voltar a olhar para Tuchman (1973) quando afirmou que fontes de poder legitimado têm mais acesso aos meios de comunicação e, por isso, é necessário pensar quais são as possibilidades de visibilizar pessoas pertencentes a classes mais baixas, subalternizadas e vulneráveis. Este é um desafio genuíno para jornalistas.

Soumis le 21-11-2021
Accepté le 23-10-2022

NOTES

¹ Do original, "(...) whose view was that menstruation took such a toll of the female physiology that the extra strain of study would be damaging to health".

REFERÊNCIAS

- Alcoff, L. (1991). *The Problem of Speaking for Others*. Minnesota: University of Minnesota Press.
- Bauer, M. W., & Gaskell G. (2002). *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som*. Um manual prático. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- Bento, B. (2015). É o queer tem pra hoje? Conversando sobre as potencialidades e apropriações da Teoria Queer ao sul do Equador. *Áskesis*, 4(1), 143-155. <https://doi.org/10.46269/4115.61>
- Benton, T., & Craib, I. (2001). Feminism, knowledge and society. In: T. Benton & I. Craib, *Philosophy of social science. The philosophical foundations of social thought*. (pp. 142-162). Londres: Palgrave.
- Cerqueira, C. B. (2008). A imprensa e a perspectiva de gênero. Quando elas são notícia no Dia Internacional da Mulher. *Observatorio (OBS*) Journal*, 2(2), 139-164. <http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/101/153>
- Cervi, E. U. (2017). *Manual de métodos quantitativos para iniciantes em Ciência Política* (Vol. 1). Curitiba: CPOP-U-FPR.
- Collins, P. H. (2000). *Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment*. New York: Routledge.
- Gonzalez, L. (1984). Racismo e sexismo na Cultura Brasileira. *Revista Ciências Sociais. Anposcs*, pp. 223-244.
- Harding, S. (1993). A Instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista - *Estudos Feministas* 7(1-93). <http://www.legh.cfh.ufsc.br/files/2015/08/sandra-harding.pdf>
- Hartsock, N. (2019). *The Feminist Standpoint Revisited and Other Essays*. Routledge, NewYork.
- Hollanda. H. B. (2020). *Pensamento feminista hoje: sexualidades no sul global*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.
- hooks, b. (2020). *E eu não sou uma mulher?* Mulheres Negras e Feminismo. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (s/d). Estatísticas sociais: População. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Recuperado em 15 out. 2019, de <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao.html>.
- John, V. M. (2014). Jornalismo esportivo e equidade de gênero: a ausência das mulheres como fonte de notícias na cobertura dos jogos olímpicos de Londres 2012. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 11(2). <https://doi.org/10.5007/1984-6924.2014v11n2p498>
- John, V. M. (2016). Análise da visibilidade e participação feminina na cobertura da Olimpíada Rio 2016 realizada pelos portais ESPNW e Lance!. *Revista Observatório*, 3(6). <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n6p557>
- Kantar Ibope Media. (2018, 16 ago.) Top 5: Audiência de TV. Kantar Ibope Media. Recuperado em 20 jul. 2018, de: <https://www.kantaribopemedia.com/top-5-grj-audiencia-de-tv-3007-a-05082018/>
- Kayser, J. (1974). *El Diário Francês*. Barcelona: ATE.
- Kilomba, G. (2019). *Memórias da Plantação*. Episódios de Racismo Cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó.
- Massuchin, M. G., Tavares, C. Q., & Silva, G. A. (2020). O que a produção científica tem a nos dizer? Avanços, lacunas e novas perspectiva sobre Jornalismo e Gênero. *Revista Pauta Geral-Estudos em Jornalismo*, 7, 1-19. <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/14907>
- Mcshare (2019, 1 mar.). TVI mantém a liderança no dia e prime-time em 2019. McShare. Recuperado em 13 ago. 2019, de <http://mcshare.iol.pt/tvi-mantem-a-lideranca-no-dia-e-prime-time-em-2019/>
- Mulheres em Marcha (2000). Mulheres em marcha. Marcha Mundial das Mulheres. Recuperado em 18 jan. 2020, de: <https://www.marchamundialdasmulheres.org.br/a-marcha/nossa-historia/>.
- Nodari, S. (2021a). A voz feminina nas reportagens televisivas: um estudo comparativo entre os jornais televisivos de Portugal e do Brasil a partir do Lugar de Fala. [Tese de Doutorado, Ciências da Informação, Universidade Fernando Pessoa -Portugal em cotutela com Comunicação, Universidade Federal do Paraná]. Acervo digital UFPR. <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/73258>.
- Nodari, S. (2021b). Nomes e pronomes na Língua Portuguesa: a questão sexista no idioma e na academia. *Revista Estudos Feministas*, 29(3). <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n374197>
- ONU Mulheres Brasil (2020, 24 set.). *Estudo conduzido pelo PNUD e pela ONU Mulheres sobre direitos políticos das mulheres coloca o Brasil em 9º lugar entre 11 países da América Latina*. ONU Mulheres Brasil. Recuperado em 16 dez. 2020, de: <https://www.onumulheres.org.br/noticias/estudo-conduzido-pelo-pnud-e-pela-onu-mulheres-sobre-direitos-politicos-das-mulheres-coloca-o-brasil-em-9o-lugar-entre-11-paises-da-america-latina/>.

- Paiva, R. (2019). Femicídio e jornalismo no Brasil: atuação do feminismo nas redes. *Eixo Temático*, ano 6, 6(2), 48-68. Recuperado em 10 mai. 2021, de <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ancora/article/view/49574>
- Reuters Institute for the Study of Journalism, & University of Oxford. (2018). *Digital News Report*. Recuperado em 03 mar. 2019, de <http://www.digitalnewsreport.org/>
- Reuters Institute for the Study of Journalism, & University of Oxford. (2019). *Digital News Report*. Recuperado em 03 abr. 2019, de <http://www.digitalnewsreport.org/>
- Ribeiro, D. (2017). *O que é Lugar de Fala*. Belo Horizonte: Letramento, Justificando.
- Schmitz, A. A. (2011). *Fontes de notícias: ações e estratégicas das fontes no jornalismo*. Florianópolis: Combook.
- Silveirinha, M. J. (2017). Mulheres e media: quanto mais sabemos, mais complexo o problema nos parece. *Media & Jornalismo*, 17(30). Recuperado em 18 dez. 2020, de: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2183-54622017000100001
- Sousa, J. P. de. (2006). *Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e dos media*. Porto. Recuperado em 17 jul. 2018, de: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-teoria-pesquisa-comunicacao-media.pdf>.
- Tomas, A. (2019, 2 março). *8 de Março: Como se prepara a primeira greve feminista em Portugal?* Delas <https://www.delas.pt/8-de-marco-a-primeira-greve-feminista-portugal-prepara/atualidade/562621/>
- Traquina, N. (2008). *Teorias do Jornalismo*. Volume II. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. (2. ed.) Florianópolis: Insular.
- Tuchman G. (1978). *Making news: a study in the construction of reality*. New York: Free Press.
- Veiga, M. (2012). Gênero: um ingrediente distintivo nas rotinas produtivas do jornalismo. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 9(2), 409-505. <http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2012v9n2p490>
- Wirth, W., & Kolb, S. (2009). *Designs and Methods of Comparative Political Communication Research*. University of Hull.
- Wolf, M. (2003). *Teorias da comunicação*. (8ª.ed.) Lisboa: Presença.
- ZappingTV. (2019, 2 jan.). Audiências: TVI lidera há 14 anos consecutivos. Recuperado em 20 jan. 2019, de <http://www.zapping-tv.com/audiencias-tvi-lidera-ha-14-anos-consecutivos/> e <http://www.zapping-tv.com/jornal-das-8-dribla-sic-e-alcanca-lideranca-das-audiencias/>

Mulheres ainda são menos entrevistadas que homens nos telejornais de 8 de Março

Women continue to be less interviewed than men in the March 8th news editions

Les femmes continuent d'être moins interviewées que les hommes dans les journaux télévisés du 8 mars

Pt. Este artigo busca compreender quantas são, quem são e sobre o que falam as fontes femininas nas reportagens de telejornais do dia 8 de Março, Dia Internacional de Lutas das Mulheres. Ao ter ciência que militantes feministas organizam marchas e manifestações ao redor do mundo, entende-se que elas deveriam estar presentes como fontes das notícias dos telejornais nesta data. A análise compreende as edições de 2017, 2018 e 2019 do Jornal Nacional e do Jornal da Oito, telejornais de maior audiência no Brasil e em Portugal. Os dados desta pesquisa são examinados por meio de análise de conteúdo, metodologia utilizada seguindo as premissas da epistemologia feminista e dos estudos de gênero. A coleta de dados se dá por meio das técnicas quantitativa e qualitativa e da utilização de um livro de códigos próprio. Entre os principais resultados obtidos, observa-se que o Jornal Nacional (Brasil) não exhibe entrevistas de militantes brasileiras presentes nos protestos de 8 de Março, ao contrário do Jornal das Oito (Portugal) que a cada ano aumenta o número de fontes femininas ouvidas enquanto participam das Marchas Feministas. Com relação à porcentagem de vozes ouvidas, as mulheres ainda não são as fontes mais visibilizadas nas edições, que em sua maioria, ainda exibem mais vozes masculinas que femininas nas datas. No Jornal Nacional percebe-se um crescimento de vozes de fontes femininas exibidas em reportagens que parte de 0,3% (2017) para 14,3% (2019). Já em Portugal, o crescimento apresentado foi de 11,4% (2017) para 28,4% (2019), sendo a presença das mulheres portuguesas, como fontes de telejornal, maior que a das brasileiras. Outro dado relevante tem relação com os traços fenotípicos das fontes femininas, a maioria das mulheres entrevistadas pelos noticiários dos dois países têm pele branca, sendo 86,9% do Jornal da Oito e 73,1% do Jornal Nacional. As mulheres de pele negra que participaram como fontes falantes das reportagens representam 26,5% no Jornal Nacional e apenas 1,6% no Jornal das Oito. Entre os assuntos mais abordados, em ambos os noticiários, estão a violência contra as mulheres e a desigualdade de gênero. O tema 8 de Março ocupa apenas 1,3% de todo o tempo do Jornal Nacional, sem exibir entrevistas com participantes das manifestações no Brasil. Ao contrário, o Jornal das Oito dedica 51,2% do tempo total a reportagens que abordam este assunto, além de trazer entrevistas com diversas fontes participantes das marchas.

Palavras-chave: Gênero; Fontes de informação; Epistemologia Feminina; Jornal televisivo; Valores-notícia

En. This article analyses profiles, numbers and topics discussed by women interviewed or quoted in the news on March 8th, the International Women's Rights Day. Given the number of marches and demonstrations taking place around the world that are coordinated by feminist activist organizations, one would expect them to be featured on television news on this date. The study builds on the 2017, 2018, and 2019 editions of Jornal Nacional and Jornal das Oito, the most followed news editions in Brazil and Portugal respectively. The data of this research was analyzed following the Content Analysis methodology, adapted to the framework of feminist epistemology and gender studies. The results of the quantitative and qualitative treatment of the data showed that, while the Jornal Nacional (Brazil) does not broadcast any interviews with Brazilian activists participating in the March 8th Marches, the Jornal das Oito (Portugal) gradually feature every year more female voices which take part in feminist Marches. In terms of percentage of voices heard, women still do not represent the largest share of time coverage in the editions, most editions still featuring more male than female voices on this day. Nevertheless, findings show an increase in the number of female voices in the news stories: from 0.3% (2017) to 14.3% (2019) in the Jornal Nacional; and from 11.4% (2017) to 28.4% (2019) in Portugal. Portuguese women rep-

resent a larger share of news sources compared to Brazilian women. Another important finding is related to physical appearance of interviewed women: the majority of the women interviewed by the news editions in both countries had white skin: 86.9% in *Jornal das Oito* and 73.1% in *Jornal Nacional*. Women with black skin who were interviewed in the featured stories represented only 26.5% in *Jornal Nacional* and 1.6% in *Jornal das Oito*. Violence against women and gender inequality were among the topics most discussed in both news outlets. In Brazil, the March 8th theme accounts for only 1.3% of the total time of the *Jornal Nacional*, which does not broadcast any interviews with demonstrators. On the other hand, *Jornal das Oito* dedicates 51.2% of the total time of its edition to reports on the topic, including interviews with several people who participated in the marches.

Keywords: Gender; News sources; Feminist epistemology; Television news; News selection

Fr. Cet article cherche à comprendre qui sont les sources féminines, combien sont-elles et de quoi elles parlent dans les reportages des journaux télévisés lors du 8 mars, journée internationale de la lutte des femmes. Étant donné que les militantes féministes organisent des marches et des manifestations dans le monde entier, on pourrait s'attendre à les retrouver à cette date sur les chaînes de télévision, en tant que sources d'information. L'analyse porte sur les éditions 2017, 2018 et 2019 du *Jornal Nacional* et du *Jornal das Oito*, les journaux télévisés les plus suivis au Brésil et au Portugal, respectivement. Pour examiner les données de cette recherche, nous avons eu recours à l'Analyse de Contenu, méthodologie employée suivant les prémisses de l'épistémologie féministe et des études de genre. Les résultats du traitement quantitatif et qualitatif des données, à partir d'un codebook de l'autrice, ont permis de montrer que, si le *Jornal Nacional* (Brésil) ne diffuse aucune interview de militantes brésiliennes participant aux manifestations du 8 mars, le *Jornal das Oito* (Portugal) accroît chaque année le nombre de sources féminines entendues en tant que participantes aux Marches féministes. En termes de pourcentage de voix entendues, les femmes n'occupent toujours pas un espace majoritaire dans les éditions, la plupart faisant encore apparaître à ses dates davantage de voix masculines que féminines. Les résultats montrent néanmoins une augmentation du nombre de voix féminines dans les reportages : de 0,3% (2017) à 14,3% (2019) dans le *Jornal Nacional* ; et de 11,4% (2017) à 28,4% (2019), au Portugal. La présence des femmes portugaises en tant que sources d'informations télévisées est supérieure à celle des femmes brésiliennes. Une autre donnée importante concerne les traits phénotypiques des sources féminines : la majorité des femmes interviewées par les journaux télévisés des deux pays ont la peau blanche, soit 86,9% pour le *Jornal das Oito* et 73,1% pour le *Jornal Nacional*. Les femmes à la peau noire ayant participé en tant que sources parlantes dans les reportages ne représentent que 26,5% dans le *Jornal Nacional* et 1,6% dans le *Jornal das Oito*. Parmi les sujets les plus abordés dans les deux journaux télévisés figurent la violence envers les femmes et l'inégalité des genres. Au Brésil, le thème du 8 mars n'occupe que 1,3% du temps total du *Jornal Nacional*, qui ne diffuse aucune interview de participantes aux manifestations. En revanche, le *Jornal das Oito* consacre 51,2% du temps total de son édition à des reportages qui abordent le sujet, et présente des interviews de plusieurs sources ayant participé aux marches.

Mots-clés : Genre ; Sources d'information ; Épistémologie féminine ; Journal télévisé ; Valeurs d'actualité

